

ESTUDAR “PARA SER GENTE”: O MÓBIL E AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS ESCOLARES

A minha primeira vivência no mundo da escola iniciou-se quando fui aceita na Escola Experimental do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora¹. As normalistas, ainda nos anos 1973 - 1974, faziam seus estágios de docência e atendiam crianças da classe popular dos bairros adjacentes. Eu e meu irmão², os mais novos de seis irmãos, não tínhamos tido contato com a escola. Meu contato com o saber escolar ocorreu tardiamente, aos 08 anos. Entretanto, nesse período, minha relação com o saber ocorria nas convivências em espaços externos à escola. No bairro, convivia com adultos, idosos, jovens e crianças. No interior do Estado, é costumeiro as pessoas do bairro sentarem-se nas calçadas, à noite, para conversar. Os mais habilidosos contavam histórias para as crianças, quando sentávamos em círculo para ouvi-las, bem narradas que eram pelos adultos e idosos com baixa escolaridade, mas que nos levavam a lugares distantes, lindos, com riachos, áreas verdes, gramas limpas e bem cuidadas. E os enredos? Ah, os enredos terminavam com os personagens todos felizes, o bem vencendo o mal. Outras vezes, as histórias eram horripilantes, com final triste. Ao me deitar, não conseguia dormir.

Outras vivências me proporcionaram novas relações com o saber. Durante o dia, vivia livre, tomando banho de rio, andando nas casas dos vizinhos, observando os adultos, o jeito de tratar e de falar com as pessoas, a forma como cuidavam da casa, das suas crianças. Naquele tempo, as famílias pobres eram unidas e cuidavam dos filhos uma das outras. E, caso fizéssemos alguma traquinagem, os pais saberiam. As crianças mais velhas envolviam as mais novas nas brincadeiras. Lembro-me, em especial, dos dramas, espécie de teatro. Mesmo não sabendo ler, decorava falas e me apresentava. Não sei de onde vinham os textos; lembro-me de que havia ensaios dos cantos, fala dos

¹ Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, cidade de Sousa–PB, onde funcionava o curso de Habilitação ao Magistério nas quatro séries iniciais do 1º grau.

² Fomos matriculados na mesma sala, eu e meu irmão, este 02 anos mais velho. Estudamos juntos, até a 4ª série. Ele foi sempre indisciplinado: minha mãe era chamada praticamente toda semana, pela direção, para que desse um jeito naquele menino, porque as professoras não estavam mais aguentando. Meu irmão acabou desistindo da escola, não concluindo a 1ª etapa do Ensino Fundamental.

personagens. O cenário era feito em colaboração, por todos, aproveitando o material disponível e o que havia em casa. Os figurinos eram feitos pela costureira do bairro, mãe de umas das integrantes do grupo. Havia prova das roupas feitas de papel crepom e tecido de chita. Havia, simbolicamente, venda de ingresso. O local das apresentações era sempre a casa de alguém do grupo, quando a mãe aceitava. Portanto, sempre mudava. No drama, aprendíamos brincando, ou seja, essa atividade era mobilizada com o sentido de brincar, mas, a cada novo ensaio, era envolvida em novo aprender, porque não tinha papel fixo. Participar desse momento foi muito importante porque o teatro proporciona desenvolvimento da imaginação, oralidade, improvisação, expressão corporal, confiança, entrosamento, etc.

Na escola experimental, comecei o processo de leitura e escrita, cuja matrícula não consta no histórico escolar. Porém me lembro, de forma significativa, da relação amorosa que a professora normalista estabeleceu com a turma, em especial comigo. A hora do lanche ocorria na própria sala de aula. Não sei de onde vinha o lanche. A professora me colocava no colo; cuidava, para que eu me alimentasse. Isso porque meu irmão estava sempre fora dos padrões das boas condutas e das leis dos regimentos escolares. Além de pegar meu lanche, estava sempre envolvido em confusão. A demora em ingressar na escola ocorreu devido a problemas familiares. Meus pais se separaram, e minha mãe teve que se responsabilizar, sozinha, pelos filhos. Ausente do mundo do trabalho fora do lar, enfrentou problemas financeiros para que ingressássemos antes. Os meus três irmãos mais velhos iniciaram-se no mundo das primeiras letras com uma professora leiga do bairro, que ensinava em casa.

Entretanto, antes mesmo de chegar à escola, eu tinha algumas impressões positivas: seria um lugar de aprender, estudar. Seria algo importante para a vida. Minha mãe, apesar de não escolarizada, via na escola uma oportunidade de progressão na vida; nos dizeres dela, “para ser gente”. Essa ideia era trazida por ela das suas relações cotidianas com as famílias tradicionais da cidade. Apesar de não ter frequentado escolas, entendia sua importância para o crescimento dos filhos. Fazia questão de que os filhos estudassem. Nunca teve a oportunidade de estudar, segundo ela, porque seu pai a levava para a roça com a tarefa de pastorear os bichos, para não comerem as plantações. Essa baixa valorização da escola era comum entre as famílias naquele período, até porque o poder econômico ainda estava no campo. Portanto, não era preciso de muito conhecimento

elaborado para lidar com a terra. Naquele contexto, o saber escolar não era considerado necessário para o trabalho braçal.

A primeira escola foi marcante: senti-me muito importante; dentre outras coisas, pela imponência do prédio. Localizava-se próximo da principal praça da matriz da cidade, espaço físico limpo, bonito. Encantava-me com tudo. Era deslumbrante. Depois entendi por quê. Morava em um bairro periférico da cidade, próximo a um rio e ao lixão da cidade. Quando havia inverno na região, mesmo seca, e o rio inundava as casas, a população tinha que abandonar suas residências. Esse fato ocorreu por muitos anos. A comunidade e o grupo foram ficando dispersos porque as famílias passaram a morar em outros bairros. Pena! Essa experiência fora da escola nunca pude resgatá-la de forma mais livre, mas afirmo que colaborou no meu aprendizado, mesmo que o sistema escolar não o valorizasse e não utilizasse o meu saber prévio. No passado e ainda hoje não se considera o saber prévio do aluno, há um silenciar, uma negação dos saberes, das apostas, das descobertas, dos interesse e sentidos atribuídos pelos educandos aos seus achados, que são apreendidos nas várias dimensões da vida. Concordo com a assertiva de Charlot: “o sentido é produzido por estabelecimentos de relação, dentro de um sistema, ou nas relações com o mundo ou com os outros” (2000, p. 56).

Nos anos seguintes (1975 - 1978), adentrei oficialmente no ensino de 1º grau, na escola municipal, cujo prédio se encontrava sem manutenção, necessitando de reparos. Lembro que tinha duas turmas de primeira série (1ª série A e 1ª série B). Para a turma A, eram encaminhadas crianças que iam pela primeira vez à escola, e não sabiam ler. Era a turma dos fracos. O desejo de “estudar para ser gente”, impregnado em mim, mesmo que inconscientemente, não me deixou aceitar aquela condição, rotulada de estar na turma dos fracos. A professora percebeu e valorizou alguns dos meus predicados, dentre eles, o fato de estar interessada, participativa, esperta. Prestava atenção às aulas, fazia com desenvoltura as atividades, colaborava com os colegas, visto que estava no nível de leitura e escrita alfabética. Na sala, a professora fez um ditado e solicitou que escrevêssemos a palavra *homem*. Imediatamente escrevi OMO. Ao concluir a atividade escrita, entreguei-a à professora, que fez a correção e devolveu com a palavra certa ao lado. Fiz minhas inferências, identificando as lacunas presentes na minha escrita, mas somente foi possível porque já possuía uma certa vivência no processo de letramento. A atividade foi marcante, porque houve nova aprendizagem. Logo, avancei de turma.

Nessa escola, ficamos somente dois anos, pois o teto caiu e fomos encaminhados para a única escola estadual onde se ofertava de 1ª a 4ª série na cidade. Posso dizer, tempo de descobertas, de novas amizades, de brincadeiras no recreio, meninas e meninos juntos: baleado, rouba-bandeira, esconde-esconde, até mesmo fora do prédio da escola. A gente se escondia tanto que não se ouvia o toque para entrar na sala de aula. Isso não se tornava problema de indisciplina; nossa professora, sempre muito calma, tranquila, serena, não brigava com a turma. Lembro também que a professora acompanhou a turma até a 3ª série. Não sei se pela própria escolha ou pela imposição da direção, a dimensão relacional era visível entre a professora e a minha turma. Descobriu-se a casa da professora. De vez em quando, em grupo, a visitávamos. Muito dessa aproximação se devia à sua competência profissional. Tempo de novos saberes, ela explicava bem os assuntos, diversificava as atividades, fazia trabalho em grupo na sala, orientava atividades e o modo de escrever em cartolinas, formando bonitos painéis. Nas datas significativas do ano letivo, havia comemoração e apresentação na sala ou no coletivo da escola. Nesse momento, os pais compareciam. Minha mãe nunca comparecia porque estava muito ocupada no trabalho que aprendeu a fazer, vendedora ambulante de lanches. Rememorando essa trajetória inicial, vejo que, atualmente, ainda sou mobilizada por desafios, não aceito com facilidade as condições impostas, sejam elas de ordem social, pessoal, sejam administrativas. Primeiro, procuro entender, mas busco saídas, no campo da argumentação, do diálogo, dos direitos.

A professora da 4ª série, igualmente cuidadosa e amorosa com a turma formada praticamente pelos mesmos alunos, priorizava prepará-los para a próxima etapa, da 5ª a 8ª séries, de forma que fôssemos capazes de produzir e interpretar textos, conhecer as quatro operações. A professora diversificava as atividades, envolvendo-nos com atividades individuais e coletivas. Esporadicamente, incentivava o uso da biblioteca da cidade para pesquisa etc., objetivando uma autonomia nos estudos.

Nessa nova etapa da escola (5ª a 8ª série), a ligação com o saber fica cada vez mais ampliada e influenciada pelas mais diversas disciplinas e experiências significativas adquiridas nos diversificados espaços social, pessoal, sentimental. E, como toda adolescente da época, fui leitora dos romances de Júlia, Sabrina, Bianca. Através deles, viajei por lugares fantásticos e me senti dentro daqueles cenários. Meu amadurecimento na leitura se desenvolveu muito a partir da descoberta dessas revistas e não especificamente na escola. Encantavam-me aqueles enredos que abordavam relacionamentos amorosos dos casais de

protagonistas, de forma poética. Havia histórias repletas de conflitos familiares e amorosos, mas sempre com final feliz. Publicações de custo baixo, lia três revistas por semana. Com o tempo, passei a ler escondida da minha mãe. Não sei como ela descobriu o conteúdo da revista. Acho que era pela capa, sempre com casais bonitos, olhares sensuais e íntimos. Hoje, reconheço os estereótipos trazidos pelas revistas, mas reconheço também sua contribuição na ampliação do meu saber, especificamente no desenvolvimento de leitura, interpretação e produção textual. Além da escola, o cinema era outra atividade, presente na nossa vida, que proporcionava nova relação com o saber. Todo domingo, assistia filme, no horário da tarde, mas não me lembro das narrativas. Provavelmente, destinava-se a um público infantil. Portanto, nos fazemos sujeito no coletivo em diversos espaços. Segundo Charlot (2000.p.53), “aprender é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou, quem é o mundo, quem são os outros.”

Desse modo, rememorar minha caminhada em relação ao saber está intimamente relacionado ao meu saber inicial como educadora. Paulo Freire, em **Pedagogia do oprimido**, Maria Tereza Nidelcoff, em **Uma escola para o povo** e outros livros, fizeram-me aprender sobre como a educação está intimamente relacionada à sociedade e como esta poderá contribuir para a superação da estruturação desigual desta sociedade. Os princípios do ver, julgar, agir, desenvolvidos pelo colégio que era administrado e coordenado por religiosas da ala progressista da Igreja católica, junto a seus alunos, às crianças, jovens e adultos da comunidade circunvizinha, foram muito importantes para a minha formação, podendo, assim, despertar-me como educadora. Esses princípios da “Teologia da Libertação” contribuíram, de forma preponderante, para o meu saber de educadora. Após essa caminhada, posso afirmar que meu crescimento e aprendizagem se deram essencialmente em um sistema escolar, mobilizados pelo que minha mãe esperava de mim: estudar para “ser gente”. A atividade de brincar nos dramas, com o sentido de aprender, o desejo, o interesse e a importância da leitura a partir da leitura de muitas histórias que ouvia, a necessidade de me reconhecer e me valorizar como educadora sempre despertaram em mim o “móbil” que me acompanhava no passado, que me acompanha no presente e aponta para o futuro.

Nessa trajetória que recompõe muito da minha história de formação, noto que, até o momento, a minha relação com o saber sempre foi prazerosa. Nunca desejei ficar em

casa, em detrimento da escola. Percebo, também, que muito desse sentimento em relação à escola foi incentivado pela minha mãe, que a valorizava e acompanhava meus passos, mesmo de longe ou mais de perto, quando, de vez em quando, comparecia à escola.

Referências

CHARLOT, B. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** – 50. ed. rev. E atual. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

NIDELCOFF, Maria Teresa. **Uma escola para o povo.** Tradução: João Silverio Trevisan. 37 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Regina Celi Delfino da Silva

Doutoranda pela Universidade Autônoma de Assunção. Mestre em Educação (UFPB, 2006). Graduada em Pedagogia e Educação Artística (UFPB, 1992 – 2006). Trabalha na Prefeitura Municipal de João Pessoa como supervisora educacional e professora na Educação de Jovens e Adultos. O texto “Estudar ‘PARA SER GENTE:’ o ‘MÓBIL” das primeiras experiências escolares” retrata, no período de 1975 a 1986, as interfaces da construção do saber para o fortalecimento das aprendizagens escolares na formação do SER GENTE, na perspectiva consciente, crítica e cidadã.

E-mail: regina-delfino@uol.com.br

Recebido em: 30/09/2016

Aprovado em: 18/11/2016